

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A
PERSPECTIVA DOS PAIS**

**ENTREPRENEUR EDUCATION IN BASIC EDUCATION:
PARENTS' PERSPECTIVES**

**EDUCACIÓN EMPREENDEDORA EN LA EDUCACIÓN BÁSICA:
LA PERSPECTIVA DE LOS PADRES**

Tatiani Prestes Soares¹
Charlene Bitencourt Soster Luz²
Hildegard Susana Jung³
Paulo Fossatti⁴

Resumo

Este artigo objetiva refletir sobre a percepção de pais com relação ao empreendedorismo na Educação Básica. Trata-se de um estudo exploratório de caráter qualitativo. Como recursos metodológicos, realizamos uma revisão de literatura e aplicamos 22 questionários a pais de alunos da Educação Básica escolhidos de forma aleatória no município de Canoas, na região metropolitana de Porto Alegre, RS. As respostas foram examinadas através da técnica de análise de conteúdo de Bardin. Observamos que todos os respondentes entendem a criatividade como algo positivo e inerente ao empreendedorismo. Além disso, percebem crescimento da inserção do empreendedorismo nas escolas de Educação Básica, como uma tendência a ser adotada na educação de crianças e adolescentes, principalmente em forma de projetos. São inúmeras as possibilidades de projetos de empreendedorismo no ambiente escolar, desde questões de desenvolvimento pessoal, até mesmo práticas como soluções de problemas da sociedade. Concluímos, portanto, que o tema empreendedorismo é um caminho viável para o desenvolvimento de sujeitos na sociedade contemporânea em contínua e rápida transformação. Também apontamos para a importância da participação dos pais na elaboração dos currículos escolares e nos processos de escolarização de seus filhos. Tais ações podem contribuir para o alcance de melhores índices de qualidade educacional.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Educação Básica; Perspectiva dos pais.

Abstract

¹Especialista em Coordenação Pedagógica: construção coletiva entre Supervisão e Orientação Educacional. Mestranda em Educação (Bolsista CAPES/PROSUP) da Universidade La Salle. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8157-887X?lang=pt>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0812090114428651>. E-mail: tatianiprestes@gmail.com

²Mestra em Educação. Doutoranda em Educação (Bolsista CAPES/PROSUP) da Universidade La Salle. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7164-0425>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9095743532967373>. E-mail: charlenebs@gmail.com

³Doutora em Educação. Coordenadora e docente do Programa de Pós-Graduação da Universidade La Salle. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5871-3060>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6822877165900478>. E-mail: hildegard.jung@unilasalle.edu.br

⁴Doutor em Educação. Reitor e docente do Programa de Pós-Graduação da Universidade La Salle. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9767-5674>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5549397267187698>. E-mail: paulo.fossatti@unilasalle.edu.br

This article proposes reflect on the parents' perception of entrepreneurship in Basic Education. It is a qualitative exploratory study. As methodological resources, we carried out a literature review and applied 22 questionnaires to parents of Basic Education students chosen at random in the municipality of Canoas, in the metropolitan region of Porto Alegre, RS. The responses were examined using Bardin's content analysis technique. We observed that all respondents understand creativity as something positive and inherent to entrepreneurship. In addition, they perceive an increase in the insertion of entrepreneurship in Basic Education schools, as a trend to be adopted in the education of children and adolescents, mainly in the form of projects. There are countless possibilities for entrepreneurship projects in the school environment, from personal development issues to practices as solutions to society's problems. We conclude, therefore, that the theme of entrepreneurship is a viable path for the development of subjects in contemporary society in continuous and rapid transformations. We also point out the importance of parental participation in the elaboration of school curricula and in their children's schooling processes. Such actions can contribute to the achievement of better levels of educational quality.

Keywords: Entrepreneurship; Basic Education; Parents' perspectives.

Resumen

Esse artículo objetiva en reflexionar sobre la percepción de padres con relación al emprendedurismo en la Educación Básica. Se trata de un estudio exploratorio de carácter cualitativo. Como recursos metodológicos, realizamos una revisión de literatura y aplicamos 22 cuestionarios a padres de alumnos de la Educación Básica en el municipio de Canoas, en la región metropolitana de Porto Alegre, RS. Las respuestas fueron examinadas con la técnica de análisis de contenido de Bardin. Observamos que todos los respondientes entienden la creatividad como algo inherente al emprendedurismo. Además, perciben crecimiento de la inserción del emprendedurismo en las escuelas de Educación Básica, como una tendencia a ser adoptada en la educación de niños y adolescentes, principalmente en forma de proyectos. Son innúmeras las posibilidades de emprendedurismo en el ambiente escolar, desde cuestiones de desarrollo personal, hasta mismo prácticas como soluciones de problemas de la sociedad. Concluimos, que el tema emprendedurismo es un camino al desarrollo de sujetos en la sociedad en continua transformación. También señalamos a la importancia de la participación de los padres en la elaboración de los currículos escolares y en los procesos de escolarización de sus hijos. Dichas acciones pueden contribuir al alcance de mejores índices de calidad educacional.

Palabras clave: Emprendedurismo; Educación Básica; Perspectiva de los padres.

Introdução

O cenário contemporâneo sugere transformações nas relações sociais decorrentes da dinamicidade da informação e do avanço das tecnologias. Tais transformações exigem um novo perfil de cidadão e trabalhador. A educação, tanto a básica quanto a superior, tem o compromisso de desenvolver competências e habilidades comportamentais e emocionais, para que os sujeitos consigam ter sucesso pessoal, profissional e social, frente aos desafios da sociedade nos tempos presentes.

Assim, a formação empreendedora emerge nos currículos da Educação Básica, com o compromisso de preparar os estudantes e jovens para tomar decisões e solucionar problemas e, assim, colaborar para uma sociedade melhor (Almeida, Becker & Santos, 2019).

De modo a contribuir com essa necessidade de formação de jovens que saibam responder às transformações da sociedade, a educação brasileira vem sofrendo

alterações em seus currículos. Assim, foi implantada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na Educação Básica. Na BNCC, o empreendedorismo ou a educação empreendedora emerge como uma possibilidade viável para contemplar os aspectos supracitados. Entende-se por educação empreendedora aquela que promove o desenvolvimento de competências e habilidades sócio emocionais, ~~nas~~ a partir das quais o estudante tenha compreensão de si mesmo, e de si na sociedade, demonstrando atitudes sustentáveis no mundo do trabalho.

A inclusão do tema empreendedorismo na BNCC está em consonância com o Plano Nacional de Educação (PNE). Instituído pela Lei 13005/2014, o PNE traça 20 metas para serem alcançadas no decênio 2014-2024. A meta 7 busca fomentar a qualidade da Educação Básica “em todas as etapas e modalidades, com melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem, de modo a atingir as seguintes médias nacionais para o IDEB: 6,0 nos anos iniciais do ensino fundamental; 5,5 nos anos finais do ensino fundamental; 5,2 no ensino médio” (Brasil, 2014).

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) funciona como um indicador da qualidade do aprendizado nacional, considerando o fluxo escolar e as médias de desempenho das avaliações Prova Brasil e Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), e estabelece metas para a melhoria do ensino. Esse índice é um importante condutor de políticas nacionais para a qualidade da educação brasileira. Assim, o Brasil tem estabelecido o objetivo de alcançar a média 6 como meta para 2021 nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, valor correspondente a um sistema educacional de qualidade comparável ao de países desenvolvidos.

Nesse artigo pretendemos refletir a respeito da percepção de pais da Educação Básica sobre o empreendedorismo nas escolas de seus filhos. Trata-se de um estudo exploratório de caráter qualitativo. Como recursos metodológicos, realizamos uma revisão de literatura sobre a temática em questão e aplicamos 22 questionários a pais de alunos da Educação Básica escolhidos de forma aleatória no município de Canoas, na região metropolitana de Porto Alegre, RS. As respostas foram examinadas através da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011). O presente trabalho está estruturado em: revisão bibliográfica, metodologia, análise e discussão dos dados. Na revisão bibliográfica encontram-se definições para o empreendedorismo, pedagogia empreendedora e empreendedorismo na BNCC. A seguir, apresenta-se a metodologia

utilizada para a pesquisa. Na análise e discussão dos resultados mostra-se os achados da pesquisa e realiza-se a análise à luz da literatura. Por fim, figuram as considerações finais da pesquisa.

Revisão de literatura

1. Empreendedorismo e educação empreendedora: buscando definições

O termo empreendedorismo está se popularizando nos últimos anos e deixou de ser exclusividade da área de negócios. Dolabela (2008, p. 29) define empreendedor como “alguém que sonha e busca realizar o seu sonho”. Nesse sentido, segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2019, p. 1): “Ser empreendedor significa ser um realizador, que produz novas ideias através da congruência entre criatividade e imaginação”. Assim, percebe-se a amplitude de sentidos da palavra empreendedorismo que está relacionada com pessoas, seus sonhos e a busca pela sua realização.

A origem do termo empreendedorismo é datada do século XIV, vem do idioma francês “*entrepreneur*” e indica aquele que assume uma nova empreitada com os riscos envolvidos. Marco Pólo foi considerado um dos primeiros empreendedores devido à natureza desafiadora de suas atividades, que consistiam em viajar, aventurando-se para a comercialização de produtos. (Cardozo & Babosa, 2005; Zen & Fracasso, 2008; Santiago, 2009).

O empreendedorismo foi mudando seu significado ao longo do tempo e na Idade Média não estava mais associado com a questão de assumir riscos. Nessa época da história da humanidade, a atividade empreendedora consistia na administração da produção com uso de recursos recebidos e o contrato geralmente era governamental. O fato de assumir riscos voltou a caracterizar o empreendedorismo no século XVII, quando o empreendedor tinha um acordo com o governo de fornecer produtos e/ou prestar serviços, existindo assim a possibilidade de prejuízo (Hisrich & Peters, 2004; Zen & Fracasso, 2008).

Dornelas (2016) reforça a relação entre empreendedorismo e criação, participação de pessoas, seu esforço e decisões. Isso não precisa necessariamente estar relacionado com negócios empresariais e pode-se conectar a educação com o empreendedorismo. O autor afirma que ele requer três instâncias:

Em primeiro lugar, o empreendedorismo envolve o processo de criação de algo novo, de valor. Em segundo, o empreendedorismo requer a devoção, o comprometimento de tempo e o esforço necessário para fazer a empresa crescer. E em terceiro, o empreendedorismo requer ousadia, que se assumam riscos calculados, que se tomem decisões críticas e que não se desanime com as falhas e erros (Dornelas, 2016, p. 38).

A partir de Dornelas (2016) pode-se compreender que o empreendedorismo está ligado com criação de valor, de sentidos e significados, e isso se aplica a qualquer contexto, inclusive na educação, com o conhecimento importante para a pessoa e útil para a sociedade. Esse autor também discorre sobre o fato de o empreendedorismo necessitar de compromisso, dedicação e esforço para a empresa crescer, mas como *empresa* pode-se entender o empreendimento ou a tarefa proposta. O autor também aponta que a atitude empreendedora precisa de ousadia, ou seja, coragem para assumir riscos e continuar com foco, apesar dos erros. Todas essas questões podem ser diretamente relacionadas com o empreender na Educação Básica.

Nesse aspecto, Santiago (2009) aponta que no final do Século XX o conceito de empreendedorismo ganha força e se associa à Era do Conhecimento, onde existe apreço pela criatividade, inovação e autonomia do sujeito. O Portal Educação (2020) complementa que a prática do empreendedorismo nesse sentido se desenvolveu no Brasil devido à abertura econômica do país nos anos 1990, e à globalização da economia e do conhecimento.

O desenvolvimento da tecnologia, especialmente da internet contribuiu para a disseminação do conhecimento em âmbito global e favoreceu a expansão do empreendedorismo, além da abertura econômica com países ampliando seus relacionamentos. A tecnologia possibilitou que a comunicação fosse mais rápida, o que facilita negociações e o acesso ao conhecimento. Nesse sentido, Zen e Fracasso (2008) afirmam que no decorrer dos anos, “as revoluções tecnológicas e sociais impactaram também na formação do empreendedor, tornando-se um termo utilizado de maneira ampla, que atualmente abrange desde uma ação individual orientada para o lucro econômico até ações coletivas visando à redução da desigualdade social” (Zen & Fracasso, 2008, p.1).

Para Dolabela (2008), o perfil empreendedor pode estar presente em todas as pessoas, em qualquer parte do mundo. Essas pessoas empreendedoras possuem ambientes favoráveis ou não ao seu desenvolvimento e por isso:

O empreendedor é um ser social, produto do meio em que vive (época e lugar). (...) É um fenômeno local, ou seja, existem cidades, regiões, países mais — ou menos — empreendedores do que outros. O perfil do empreendedor (fatores do comportamento e atitudes que contribuem para o sucesso) pode variar de um lugar para outro (Dolabela, 2008, p.30).

Desse modo, pode-se entender que o empreendedor é uma pessoa sociável, ou seja, suscetível às influências e sensível à realidade em que vive. Seu comportamento não possui padrão e depende da pessoa e de seu contexto. Entretanto, o SEBRAE (2020) elenca as dez características comuns aos empreendedores brasileiros, sendo que não são regras, mas traços de personalidade encontrados em tais pessoas e que podem ser potencializados na educação, desde os anos iniciais. No quadro 1 pode-se identificar dez características empreendedoras.

Quadro 1 - Dez características empreendedoras

Características empreendedoras	Atitudes de pessoas com essas características
Busca de oportunidades e iniciativa	Proatividade, perceber e aproveitar oportunidades incomuns.
Persistência	Capacidade de superação e fazer mais do que o esperado.
Correr riscos calculados	Avaliação antes de assumir riscos. Pensar antes de agir.
Exigência de qualidade e eficiência	Reinventar-se e ir além das expectativas.
Comprometimento	Ter responsabilidade perante os compromissos.
Busca de informações	Buscar conhecimento com orientações e pesquisa.
Estabelecimento de metas	Possuir metas e objetivos palpáveis e ao mesmo tempo desafiantes.
Planejamento e monitoramento sistemáticos	Fazer o passo a passo de tarefas e tem flexibilidade para se adaptar.

Persuasão e redes de contato	Relacionar-se bem e influenciar as pessoas.
Independência e autoconfiança	Possuir determinação, mesmo com cenário desfavorável, e confiar em si mesmo.

Fonte: SEBRAE (2020) com adaptações dos autores.

1.1. Pedagogia Empreendedora

Pode-se associar o empreendedorismo com a educação e chegar ao que Dolabela (2008) denomina de educação empreendedora, a qual pode ser aplicada a todos os níveis de ensino, inclusive na Educação Básica, tema deste estudo. Dessa forma, a perspectiva de empreendedorismo adotada neste artigo refere-se ao conceito de Dolabela (2008) e do SEBRAE (2019), considerando que empreender é muito mais do que ter uma empresa, mas uma característica intrínseca do sujeito, razão pela qual as instituições de ensino podem proporcionar o ambiente adequado para desenvolver empreendedores.

Nessa perspectiva, o empreendedorismo está relacionado com as atividades pedagógicas propostas aos alunos, os quais podem ser desafiados a assumirem riscos calculados de conflitos com colegas, por exemplo. A figura docente também se faz empreendedora ao criar, planejar, monitorar e melhorar tais atividades para os estudantes. Em analogia com Marco Pólo, os professores e alunos embarcam em viagens aventureiras, com desafios para desbravar diferentes formas de obter conhecimento. Por isso, Lopes (2010) defende a educação empreendedora como um processo dinâmico que envolve o despertar da consciência, com reflexões profundas que podem transformar conhecimento teórico e empírico em resultados. Essas transformações precisam acompanhar o movimento da sociedade, pois ela não é um mundo à parte. E a escola tem por missão formar para a sociedade e para a cidadania global.

Contudo, considerando a dinâmica e abrangência citadas quanto à temática, cabe o questionamento sobre o que e como ensinar na educação empreendedora. Para Laviere (2010), a maioria dos cursos de empreendedorismo está focada no plano de negócios, mas é necessário superar essa proposta e fortalecer o desenvolvimento das características empreendedoras nas pessoas e grupos ou comunidades. Dessa forma, segundo a autora, será possível instigar a reflexão nos alunos e permitir que eles consigam reconhecer suas limitações, e compreender os desafios e oportunidades.

Assim, entende-se que a concepção de empreendedorismo na Educação Básica pode se desprender do rígido roteiro do plano de negócios e proporcionar propósitos maiores aos alunos, como o autoconhecimento, a percepção criativa e empreendedora do contexto em que estão inseridos, para concomitantemente estabelecer propostas de mudanças para o coletivo.

Nesse aspecto, Dolabela (2003) apresenta com o conceito de educação empreendedora a questão do coletivo, informando que a comunidade só tem a ganhar com essa prática nas escolas. Os sonhos coletivos, ou seja, os anseios da sociedade podem ser trabalhados no processo de aprendizagem da educação empreendedora que:

[...] é um dos instrumentos de que a comunidade pode dispor para aprender a formular o “sonho coletivo”, estabelecer uma proposta de futuro feita pela própria comunidade. Empreender é essencialmente um processo de aprendizagem proativa, em que o indivíduo constrói e reconstrói ciclicamente a sua representação do mundo, modificando-se a si mesmo e ao seu sonho de autorrealização em processo permanente de autoavaliação e autocriação (Dolabela, 2003 p. 32).

Assim, a comunidade mostra-se como figura ativa que pensa no futuro e a educação empreendedora. Segundo Dolabela (2003), mostra-se como ferramenta que facilita a realização dos sonhos coletivos. Para o autor, empreender é um processo de aprendizagem em que há construção e reconstrução da visão de mundo do empreendedor, o qual se transforma ao passo em que tenta transformar a sua realidade. Por isso, destaca-se a importância de parcerias que apoiem o empreendedor que se inspira e se espelha em outras pessoas. No contexto da educação empreendedora, a escola, os professores e os pais podem exercer um papel de referência aos alunos, incentivando-os em suas ideias e orientando os estudantes nos momentos de incerteza.

Nesse sentido, Souza (2012) coloca que a educação empreendedora influencia na mudança cultural, tão necessária para desenvolver o espírito empreendedor nos estudantes que têm a chance de contribuir para o desenvolvimento do país. O autor relaciona empreendedorismo com educação empreendedora, no sentido de que ambos são positivos e impactam na sociedade e em seu desenvolvimento. Assim, compreende-se que a existência do empreendedorismo no currículo escolar faz a diferença para os estudantes se desenvolverem, o que reflete nos pais, na família e na sociedade.

2. Empreendedorismo na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A BNCC é um documento referência para a elaboração dos currículos escolares na Educação Básica no Brasil, compreendendo Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (Brasil, 2018, p. 7).

A BNCC está amparada na Lei 13.005/2014, que regulamenta o Plano Nacional de Educação (PNE), para o decênio 2014 - 2024. Como já referido, o Plano tem 20 metas para a melhoria da qualidade da Educação Básica. O PNE reitera ainda a necessidade de:

[...] estabelecer e implantar, mediante pactuação interfederativa [União, Estados, Distrito Federal e Municípios], diretrizes pedagógicas para a Educação Básica e a base nacional comum dos currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos(as) alunos(as) para cada ano do Ensino Fundamental e Médio, respeitadas as diversidades regional, estadual e local (Brasil, 2014).

A BNCC está composta de duas partes, sendo uma de formação geral básica com aprendizagens essenciais e uma parte diversificada, que constitui os itinerários formativos. O empreendedorismo aparece como um dos eixos estruturantes nos itinerários formativos na BNCC para o Ensino Médio, como apresentado: “IV – **empreendedorismo**: supõe a mobilização de conhecimentos de diferentes áreas para a formação de organizações com variadas missões voltadas ao desenvolvimento de produtos ou prestação de serviços inovadores com o uso das tecnologias” (Brasil, 2018, p. 479, grifo dos autores). Pode-se perceber uma aproximação entre o que normatiza a BNCC e o recente conceito de empreendedorismo apresentado por Dolabela (2003), no sentido de utilizar a inovação e a tecnologia na construção de uma sociedade melhor.

De modo a atender as finalidades do Ensino Médio, a BNCC estabelece que a escola deve acolher as juventudes, estruturando-se de forma a promover o empreendedorismo. Com relação a este termo, ele é entendido neste dispositivo legal como sendo o desenvolvimento da “[...] criatividade, inovação, organização,

planejamento, responsabilidade, liderança, colaboração, visão de futuro, assunção de riscos, resiliência e curiosidade científica, entre outros” (Brasil, 2018, p. 466). Mais uma vez percebe-se uma aproximação ao conceito de desenvolvimento social, de incentivo à cidadania e de coletividade intrínseca à ideia de empreendedorismo a ser incentivado pela escola de Educação Básica.

Em outro trecho da BNCC, o empreendedorismo é citado como uma habilidade da área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, quando se refere à categoria Política e Trabalho:

Há hoje mais espaço para o **empreendedorismo** individual, em todas as classes sociais, e cresce a importância da educação financeira e da compreensão do sistema monetário contemporâneo nacional e mundial, imprescindíveis para uma inserção crítica e consciente no mundo atual. Diante desse cenário, impõem-se novos desafios às Ciências Humanas, incluindo a compreensão dos impactos das inovações tecnológicas nas relações de produção, trabalho e consumo (Brasil, 2018, p. 568, grifo dos autores).

Aparece ainda especificamente: “Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o **empreendedorismo**, a convivência democrática e a solidariedade.” (Brasil, 2018, p. 568 e 577, grifo dos autores). Observa-se que, em todos os trechos supracitados, o termo empreendedorismo ora emerge vinculado às questões relacionadas ao trabalho, negócios e inovação, ora como valores a serem desenvolvidos para o desenvolvimento pessoal e empregabilidade.

Metodologia

Esse estudo se constitui em uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo exploratória e descritiva, visto que enfatiza o processo e seu significado, tendo “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno” (Gil, 2008, p. 42). Assim, trata-se de um estudo exploratório com o objetivo de refletir sobre a percepção de pais com relação ao empreendedorismo na Educação Básica. A presente pesquisa utilizou o apoio de dados quantitativos para compreender a temática de modo mais integral e sistêmico.

Os dados para o estudo foram coletados por meio de duas fontes: a) uma revisão de literatura acerca do tema, realizada nas bases científicas *Google Scholar* e *Capes Periódicos*, utilizando o descritor “empreendedorismo na Educação Básica” e “educação empreendedora na Educação Básica”, limitando a pesquisa aos anos 2015 até 2019; b) um questionário enviado a pais de alunos da Educação Básica.

A busca pelos descritores “empreendedorismo na Educação Básica” localizou 116 artigos na base *Google Scholar* e um artigo na plataforma *Capes Periódicos*; com o descritor “educação empreendedora na Educação Básica” apurou 10 artigos na *Google Scholar* e nenhum na *Capes Periódicos*. Além disso, no referencial teórico também foram incluídos livros da biblioteca da Universidade que apoiou a pesquisa, bem como do acervo particular dos autores. Como critérios de inclusão dos artigos, considerou-se a busca por pesquisas que trouxessem a perspectiva de pais da Educação Básica sobre o empreendedorismo. Contudo, o mais próximo que se conseguiu chegar da temática foram estudos que tratam do empreendedorismo na Educação Básica na percepção de alunos e na perspectiva da educação empreendedora, por isso não foi possível fazer um estudo comparativo de pesquisas similares à nossa. Excluíram-se artigos relacionados a práticas pedagógicas, à percepção de docentes e gestores, empreendedorismo no ensino superior e plano de negócios, por não serem coerentes com a temática da pesquisa.

O universo da pesquisa empírica consistiu em 22 pais de alunos da Educação Básica, escolhidos de modo aleatório, de escolas tanto públicas quanto privadas, do município de Canoas, localizado na região metropolitana de Porto Alegre/RS⁵. O fator de inclusão foi a decisão pela participação do estudo e ser responsável por estudante da Educação Básica. O fator de exclusão foi a decisão pela não participação. O questionário foi desenvolvido com o recurso *Google Forms*, de modo anônimo, ou seja, não houve coleta dos contatos dos respondentes, os quais, ao ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no início, clicaram em “próximo”, o que significou sua anuência à pesquisa. A forma de envio foi por e-mail e mídias sociais, durante os meses de outubro e novembro de 2019. Todas as respostas foram consideradas para a realização da análise.

⁵ O questionário foi amplamente divulgado por professores pertencentes a um grupo de pesquisa ligado a uma Universidade Comunitária do Sul do Brasil, usando para sua disseminação as mídias e redes sociais.

O questionário, segundo Gil (2008), tem o objetivo de obter informações sobre o objeto de pesquisa, está composto de cinco questões, sendo duas de respostas fechadas, que têm o objetivo de caracterizar o universo dos entrevistados, e três de respostas abertas, com o intuito de identificar a percepção dos pais sobre o entendimento do termo empreendedorismo e o reconhecimento das atividades consideradas empreendedoras. As perguntas do questionário foram as seguintes: a) Em que tipo de escola seu filho/sua filha estuda? (particular ou pública); b) Em que ano/série seu filho/sua filha estuda?; c) O que você entende por empreendedorismo?; d) Que ações empreendedoras a escola de seu filho/sua filha realiza?; e) Que ações empreendedoras você gostaria que a escola de seu filho/sua filha realizasse?

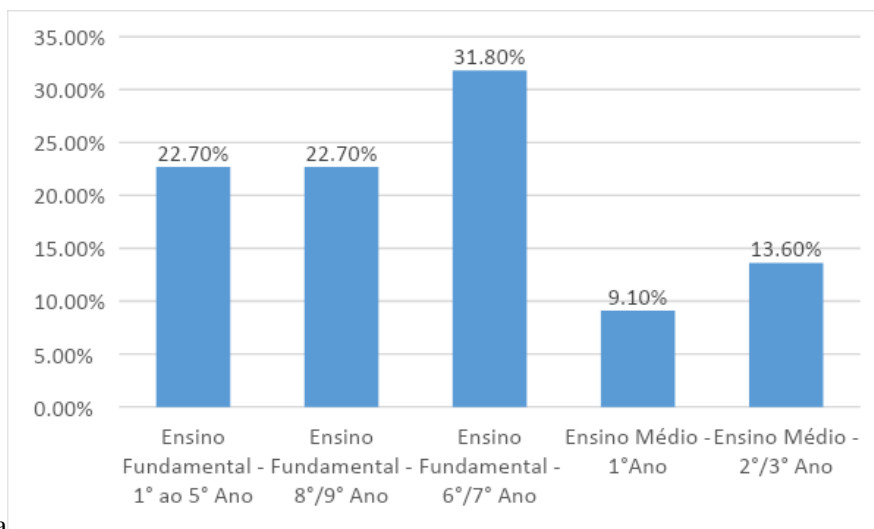
Posteriormente, as respostas foram analisadas mediante as orientações da análise de conteúdo de Bardin (2011). A autora apresenta um conjunto de técnicas que visam compreender o conteúdo das mensagens, considerando as frequências das significações (conteúdo), começando pela codificação das frequências. A partir daí, é necessário buscar “uma correspondência entre o nível empírico e o teórico” (Bardin, 2011, p. 69), de onde emergem as inferências para responder à problemática posta pela pesquisa. A análise de conteúdo reduz a complexidade dos textos e a classificação sistemática, e a contagem de unidades do texto trazem uma grande quantidade de material em uma descrição curta de algumas de suas características. A seguir apresentamos as análises das respostas obtidas.

Resultados e discussão

As primeiras duas perguntas visam caracterizar os sujeitos da pesquisa, ou seja, conhecer o contexto dos participantes. Nesse sentido, a primeira pergunta do questionário foi: “Em que tipo de escola seu filho/sua filha estuda?” Constatou-se que 68,2% responderam escola privada e 31,8% escola pública.

A segunda pergunta do questionário foi: “Em que ano/série seu filho/sua filha estuda?”. No gráfico 1, a seguir, pode-se identificar o ano/série em que os alunos estudam.

Gráfico 1 - Ano/série que seu filho/a



estuda

Fonte: Os autores, a partir de dados da pesquisa, 2019.

Segundo Dolabela (2008) o empreendedorismo pode estar presente em todos os níveis de ensino e as escolas podem promover o ambiente apropriado para desenvolver empreendedores. Liberato (2007) e Salles e Rosa (2015) complementam que no Ensino Médio existe maior inquietação dos alunos por conta da passagem da adolescência para a vida adulta e das dúvidas sobre o futuro profissional. Esses autores ainda afirmam que as incertezas políticas e econômicas do país ampliam as dúvidas dos jovens quanto à carreira.

Assim, a partir dos autores citados pode-se entender que as escolas são um ambiente que pode ser utilizado para promoção do empreendedorismo em diferentes séries e anos da Educação Básica. Entretanto, é no Ensino Médio que os alunos sentem maior inquietação, devido à passagem da adolescência para a juventude, e à ansiedade em relação à atuação profissional. Pode-se aproveitar esse momento para proporcionar uma reflexão sobre o empreendedorismo enquanto projeto de vida, contemplando questões de carreira como a escolha da profissão.

A terceira questão aplicada foi: “O que você entende por empreendedorismo?”. A análise de conteúdo das respostas a esse questionamento aponta como categoria o termo “criar” utilizado pela maioria (32%) dos pais para descrever o que eles entendem como empreendedorismo. Também foram citados os seguintes termos: projetos,

inovação, bem social, qualificação, fazer, mudança, atitude, iniciativa e ideias que estão diretamente relacionadas com a categoria “criação”.

Dessa forma, em concordância com a pesquisa realizada, o empreendedorismo é comumente associado com a criatividade por diferentes autores, inclusive por Schumpeter (1983), o qual compreende a destruição criativa como alicerce do empreendedorismo. Já Assis (2018) esclarece que essa destruição criativa compreende a transformação e quebra de paradigmas. Nesse sentido, Dornelas (2016) informa que a primeira instância do empreendedorismo é a “criação de algo novo, de valor.” (p.38). Salienta-se que a segunda instância é o comprometimento e a terceira instância citada pelo autor é a ousadia. Comprometer-se indica uma promessa do que será realizado, ou seja, criado. Para haver ousadia pode-se entender que é necessária uma dose de coragem para aventurar-se ao novo, o que também requer criatividade para fazer diferente, atrever-se.

Dolabela (2008) e SEBRAE (2019) entendem o empreendedor como alguém em busca de realizar sonhos. Para sonhar é necessário projetar o sonho, ou seja, imaginar, criar um cenário possível de tornar-se realidade. Assim, a criatividade apresenta-se como essencial para a pessoa empreendedora. Nesse aspecto, Santiago (2009) complementa que na Era do Conhecimento o empreendedorismo se desenvolve e há valorização da criatividade. Essa é também a opinião de alguns dos respondentes, como este, que compreende o empreendedorismo enquanto algo novo: “Criação de novos métodos que qualifiquem serviços ou produtos que possam modificar de forma positiva”.

Baseando-se nos autores para as inferências sobre a categoria auferida, não há dúvida da relação forte entre empreendedorismo e criatividade no sentido de mudança da realidade existente na perspectiva dos respondentes. Observou-se que todas as respostas da pesquisa e os autores citados entendem a criatividade como algo positivo e inerente ao empreendedorismo. Então, não é possível empreender sem criar algo novo, de valor, seja um produto, serviço, projeto, ação comunitária, etc. Isso também ocorre com os sonhos, que precisam da criatividade para serem projetados e realizados.

A quarta questão aplicada foi: “Que ações empreendedoras a escola de seu filho/sua filha realiza?” A análise de conteúdo das respostas a esse questionamento aponta como categoria o termo “projeto” utilizado pela maioria (50%) dos pais para

descrever as ações empreendedoras das escolas dos seus filhos. As respostas mostram que os projetos estão relacionados com solução de problemas, sustentabilidade com hortas na escola, liderança e inteligência emocional, fomento a inovações que afetam a sociedade, feiras, pesquisas, incentivo à criatividade com apresentações dos alunos para os pais, e grupos de jovens. Também foram citados os seguintes termos: ações e desenvolvimento da autonomia, os quais podem estar relacionados com a categoria “projetos”.

De acordo com Zen e Fracasso (2008), o termo empreendedorismo pode ser utilizado de forma ampla e comportar tanto ações individuais, quanto coletivas. Para as autoras, a redução da desigualdade social pode ser um dos resultados das ações coletivas, e as revoluções tecnológicas e sociais exerceram influência na formação do sujeito empreendedor. Já Schumpeter (1983) conecta empreendedorismo com a inovação, o que requer a realização de projetos criativos e transformadores da realidade. Assis (2018) complementa que a inovação quebra paradigmas. Ambos autores discorrem sobre a destruição criativa, ou seja, mudar a realidade exige projetos inovadores, como também aponta um dos pais que respondeu à pesquisa: “Projeto de ciências - projeto ambiental”, ou este outro: “Projeto de liderança”.

Druzian *et al.* (2017) afirmam que projetos com o objetivo de instigar o espírito empreendedor possibilitam que os estudantes possam ter subsídios para um desenvolvimento mais autônomo junto ao mercado de trabalho, passando a ser construtores dos próprios sonhos e realizadores de ideias. A mesma relação encontra-se no trabalho de Jara, Cunha e Kreick (2016), ao afirmar que projetos tendo como foco a inovação visam estimular jovens a pensar de forma planejada as ações futuras, desenvolvendo e potencializando as suas habilidades de maneira proativa para o bem coletivo. Essa perspectiva fica bem clara na opinião de um dos respondentes, que faz uma relação entre as ações empreendedoras e o fazer diferente na busca do bem coletivo: “Ato de inovar, buscando sempre o melhor para ter satisfação pessoal e também financeira, ajudando com bem social”

Com relação ao uso das tecnologias, dois artigos encontrados na revisão de literatura trazem essa temática. Silva e Bilessimo (2016) apresentam em seu estudo que “o uso de tecnologia em aula é algo bem-recebido pelos estudantes, que se sentem motivados quando realizam atividades que integram ferramentas tecnológicas ao ensino,

e gostariam que estas tivessem participação maior nas salas de aula” (p.10). Nunes e Moreira (2018) apontam a “importância da formação empreendedora dos indivíduos aliados à tecnologia, pela capacidade de correr riscos calculados e pela formação de profissionais criativos e inovadores” (p.3). Percebe-se, portanto, uma convergência dos autores no sentido de que a tecnologia tem forte relação com as experiências empreendedoras, criativas e inovadoras.

Salienta-se que 13% dos respondentes desconhecem as ações empreendedoras da escola dos filhos e 9% informam que nenhuma ação empreendedora é realizada. Esses dados podem inferir sobre a não participação dos pais na escola, suas crenças sobre o termo empreendedorismo, e não necessariamente a existência ou não de atividades empreendedoras na escola.

Para Dolabela (2008), Souza (2012) e Salles e Rosa (2015) o empreendedorismo está sendo cada vez mais inserido na grade curricular da Educação Básica. Esses autores salientam que muitas vezes o empreendedorismo na escola existe como disciplina complementar para contribuir na empregabilidade, mas em outros casos já é disciplina obrigatória adotada tanto em escolas públicas, como em escolas privadas. Contudo, Liberato (2007), Salles e Rosa (2015) destacam que o empreendedorismo ainda é desconhecido em algumas escolas públicas. Isso ocorre, segundo os autores, porque a temática não é discutida em sala de aula, o que torna mais difícil o conhecimento e promoção do empreendedorismo para os alunos. Com base nesses autores, compreende-se que o empreendedorismo pode ser adotado como disciplina complementar ou obrigatória em escolas públicas e privadas. Além disso, há crescimento da inserção do empreendedorismo nas escolas de Educação Básica, independentemente se são públicas ou privadas aparecendo como uma tendência a ser adotada na educação de crianças e adolescentes, principalmente em forma de projetos.

Embora ainda exista um desconhecimento do empreendedorismo principalmente em escolas públicas, pode-se refletir sobre o papel dos professores em apoiar o tema e conectá-lo com suas disciplinas, visto que é transversal e pode alinhar-se a diferentes assuntos da rotina escolar. Nesses casos, os pais também podem ter a responsabilidade de reivindicar a inclusão da temática empreendedora na escola. Para isso, Dolabela (2008) informa que o empreendedor precisa estar conectado à sociedade para conseguir realizar mudanças positivas. O autor salienta que o empreendedor não é um ser solitário,

mas está conectado com outras pessoas para conseguir contribuir para a sociedade com seus projetos. Por isso, o autor reitera que o empreendedorismo pode estar presente em todas as pessoas e o momento e o ambiente histórico as influenciam e o empreendedor se inspira em outros indivíduos.

Diante do exposto pelos autores, compreende-se que o empreendedorismo pode ser realizado por todas as pessoas, inclusive alunos da Educação Básica de escolas públicas e privadas. Mesmo que escolas públicas não tenham os mesmos recursos financeiros das escolas privadas, isso não significa limitar o potencial empreendedor dos alunos, pois empreender engloba a realização de sonhos, o que é inerente ao ser humano. Além disso, as ações empreendedoras podem ter ênfase no indivíduo e/ou na sociedade, desde que sejam implementados projetos que mudem a realidade. Não se conformar, nem se acomodar, pensar o futuro, ter projetos para mudança são ações empreendedoras e chaves para o progresso. Por isso é relevante a figura dos professores, pais e a escola incentivando os empreendedores, pois são necessárias referências para os alunos seguirem. Ações empreendedoras proporcionam o contato com a temática e mesmo que sejam pequenas, com recursos escassos, já são ações para envolver os alunos. A escola tem o papel de mostrar possibilidades e o empreendedorismo pode provocar reflexões para que as oportunidades sejam identificadas mediante as necessidades da realidade.

A quinta questão aplicada foi: “Que ações empreendedoras você gostaria que a escola de seu filho/sua filha realizasse?” A análise das respostas a esse questionamento aponta como categorias os termos “aula” apontado por 13% dos participantes e “oficina” indicado também por 13% dos pais. As respostas mostraram que o termo aulas está relacionado com conteúdo prático, como educação financeira e voluntariado, desenvolvendo a autonomia com aulas de empreendedorismo e cidadania. Já a categoria oficina está associada com simulados, feiras, oficina literária e com o desenvolvimento do potencial na área artística e da escrita. Outras palavras que se fizeram presentes nas respostas foram: planejamento, criação, construção, inovação e vida. Uma resposta explicitou o desejo de ações, por parte da escola, que incentivem os alunos a buscar seus sonhos: “Incentivar as crianças a buscarem seu sonho, apresentando as dificuldades da concorrência, finanças e mercado, pensando além dos muros da escola”.

Neste sentido, Dolabela (2003) explica que a pedagogia empreendedora se apresenta como ferramenta da comunidade para que se possa realizar sonhos relacionados com o bem comum. Para o autor, o ato de empreender é um processo de aprendizagem que exige proatividade, mudanças de si mesmo e da visão de mundo. Nesse processo, o empreendedorismo não está preso a questões de mercado, mas sim se relaciona com o empreender do sujeito, a reconstrução e progresso de reflexões de vida. Em consonância com o autor, a BNCC associa o empreendedorismo com trabalho, inovação e desenvolvimento pessoal. Lopes (2010) concorda com Dolabela (2003) e complementa que a pedagogia empreendedora inclui o processo de conscientização que abrange transformar o conhecimento teórico e empírico em resultados. Para a autora, aprender a empreender envolve a aplicação de conhecimento para contribuir frente aos desafios da realidade social, ou seja, empreender significa vivenciar a realidade para melhorá-la.

Já para Liberato (2007) a escola, incluindo a Educação Básica, precisa promover a cultura empreendedora para acompanhar as mudanças da sociedade. Para o autor, a escola apresenta-se como um espaço de socialização e um ambiente de promoção do conhecimento. Souza (2012) e Salles e Rosa (2015) continuam esse raciocínio, e informam que existe uma relação positiva entre empreendedorismo e pedagogia empreendedora, no sentido de que ambos promovem o desenvolvimento social e econômico. Para isso, a escola com a pedagogia empreendedora pode contribuir para o desenvolvimento das características empreendedoras citadas por SEBRAE (2020), as quais proporcionam o crescimento pessoal que repercute na sociedade.

Baseando-se nos autores expostos e na pesquisa empírica, pode-se compreender que a pedagogia empreendedora possui cunho prático, proporcionando assim aulas dinâmicas apontadas pelos pais como sugestão para a escola. Considerando que aulas de empreendedorismo são práticas, isso equivale a dizer que são oficinas com o objetivo de realizar algum projeto. São inúmeras as possibilidades de empreendedorismo no ambiente escolar, desde questões de desenvolvimento pessoal, até mesmo a prática com soluções de problemas da sociedade. O fato é que a pedagogia empreendedora amplia a capacidade de perceber a realidade que se vive e proporciona aos alunos a possibilidade de transformá-la. Deste modo, alunos que passariam despercebidos podem ter a

oportunidade de despertar o espírito empreendedor e se tornarem mais ativos em sua vida pessoal e acadêmica.

Considerações finais

O objetivo desse artigo foi refletir sobre a percepção de pais com relação ao empreendedorismo na Educação Básica. Para isso, o tema orbitou em torno da educação empreendedora com ênfase na Educação Básica. O estudo aponta que o empreendedorismo é um caminho viável para o desenvolvimento de sujeitos para que tenham sucesso pessoal e profissional na sociedade contemporânea em contínua e rápida transformação, forjando autonomia no seu processo de escolarização. Também sinaliza para a importância da participação dos pais na elaboração dos currículos escolares e no processo de escolarização de seus filhos. Tais ações podem contribuir para o alcance de melhores índices de qualidade educacional.

Entre as limitações do estudo, podemos mencionar o fato de a amostra empírica ser pouco expressiva, além de não termos consultado fontes internacionais da educação, como a *Web of Science*. Trata-se, portanto, de um estudo inicial, que buscou levantar reflexões em direção a uma discussão que acreditamos estar recém em seu início, que é o empreendedorismo na Educação Básica. Como estudos futuros, podemos pensar em uma pesquisa empírica mais robusta, ouvindo toda uma comunidade escolar, incluindo dados bibliográficos internacionais.

Referências

- Almeida, A. R., Becker, T. M., & Santos, B. H. (2019). Educação empreendedora e suas abordagens na Educação Básica. In P. Fossatti & H. S. Jung (Orgs.), *Governança Educacional na Educação Básica e superior ibero-americana* (pp. 125-141). Canoas, RS: Ed. Unilasalle.
- Assis, M. L. de (2018). *Um estudo sobre o empreendedorismo: Conceituação e delimitação do empreendedor brasileiro*. Trabalho de Conclusão do Curso de Administração. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil. Recuperado em 10 abril, 2020 de <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/9167/1/TCC%20-%20MARIANA%20LARA%20DE%20ASSIS%20ok.pdf>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo, SP: Edições 70.
- Brasil. (2014). Palácio do Planalto. Lei 13005/2014. Brasília, DF. Recuperado em 05 junho, 2020 de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm.

- Brasil. (2018). Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF. Recuperado em 19 março, 2020 de <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.
- Cardozo, T. R., & Barbosa, M. L., (2005). Políticas informacionais e práticas pedagógicas para a formação do bibliotecário empreendedor. Recuperado em 12 abril, 2020 de <http://www.cinform.ufba.br/v.anais>.
- Dolabela, F. (2003). *Pedagogia Empreendedora: O Ensino de Empreendedorismo na Educação Básica, Voltado para o Desenvolvimento Social e Sustentável*. São Paulo: Editora de Cultura. Recuperado em 20 maio, 2020 de <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/840/1/Pedagogia-empreendedora.pdf>.
- Dolabela, F. (2008). *O Segredo de Luísa*. Rio de Janeiro, RJ: Sextante.
- Dornelas, J. C. A. (2016). *Empreendedorismo: Transformando Ideias em Negócios*. (6a. ed). São Paulo, SP: Empreende/Atlas.
- Druzian, G. L., Jardim, M. S., Silva, A. C. C. J. da, Falcade, A., Guse, J. C., Kessler, M. S., & Ghisleni, T. S. (2017). Educação empreendedora: estudo de caso com alunos em uma escola estadual da região central do Rio Grande do Sul. *Revista eletrônica Disciplinarum Scientia*. 13(1), 31-41. Recuperado em 11 abril, 2020 de <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumSA/article/view/2348>
- Gil, A. C., (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, SP: Atlas.
- Hisrich, R. D., & Peters, M. P., (2004). *Empreendedorismo*. Porto Alegre, RS: Bookman.
- Jara, E. J.; Cunha, J. W., & Kreich, M. (2016). Inovação e empreendedorismo para crianças do ensino fundamental, via extensão universitária. In *7o Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*. Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto/MG. Recuperado em 11 abril, 2020. https://www.cbeu.ufop.br/anais_files/26159def0e3258515a242bdaa87d0b84.pdf.
- Lavieri, C. (2010). Educação... empreendedora? In: R. M. A. Lopes (Org.), *Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas* (pp. 1-16). Rio de Janeiro, RJ: Elsevier; São Paulo, SP: SEBRAE.
- Liberato, A. C. T., (2007). Empreendedorismo na escola pública: despertando competências, promovendo esperança! Brasília, DF: SEBRAE. Recuperado em 19 maio, 2020, de <https://bis.sebrae.com.br/bis/download.zhtml?t=D&uid=3CBF34B0D06A6941832572B1006F3722>.
- Lopes, R. M. A. (2010). Referenciais para a educação empreendedora. In: R. M. A. Lopes (Org.), *Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas* (pp. 17-44). Rio de Janeiro, RJ: Elsevier; São Paulo, SP: SEBRAE.
- Nunes, A. F. P., & Moreira, T. M. (2018). *A educação empreendedora aliada à tecnologia em um projeto social*. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil. Recuperado em 11 abril, 2020, de <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/15222>.

- Portal Educação. A história do empreendedorismo. Recuperado em 10 abril, 2020 de <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/a-historia-do-empendedorismo/48798>.
- Salles, E. V., & Rosa, R. L. da. (2015). O empreendedorismo na perspectiva dos alunos do ensino médio do município de São José dos Pinhais - PR. *Caderno PAIC*, 16(1), 185-204. Recuperado em 20 maio, 2020, de <https://cadernopaic.fae.edu/cadernopaic/article/view/93>
- Santiago, E. G., (2009). Vertentes teóricas sobre empreendedorismo em Schumpeter, Weber e Mcclelland: novas referências para a sociologia do trabalho. Recuperado em 12 abril, 2020, de <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/download/488/470>.
- Schumpeter, J. A. (1983). *Teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo, SP: Abril Cultural, Recuperado em 13 abril, 2020, de http://www.ufjf.br/oliveira_junior/files/2009/06/s_Schumpeter_-_Teoria_do_Desenvolvimento_Econ%C3%B4mico_-_Uma_Investiga%C3%A7%C3%A3o_sobre_Lucros_Capital_Cr%C3%A9dito_Juro_e_Ciclo_Econ%C3%B4mico.pdf
- Sebrae. (2019). O que é ser empreendedor. Recuperado em 10 abril, 2020, de <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/o-que-e-ser-empendedor,ad17080a3e107410VgnVCM1000003b74010aRCRD>.
- Sebrae. (2020). Conheça as características empreendedoras. Recuperado em 10 abril, 2020, de <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/Programas/conheca-as-caracteristicas-empendedoras-desenvolvidas-no-empotec,d071a5d3902e2410VgnVCM100000b272010aRCRD>.
- Silva, I. N., & Bilessimo, S. M. S., (2016). *Impacto da aplicação de tecnologia no ensino de empreendedorismo para estudantes concluintes da Educação Básica na rede pública*. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação, Universidade Federal de Santa Catarina. Araranguá/SC, Brasil.
- Souza, S. A., (2012). A introdução do empreendedorismo na educação brasileira: primeiras considerações. *Educação & Linguagem*. 15(16). 77-94. Recuperado em 15 maio, 2020, de <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/3291>.
- Zen, A. C., & Fracasso, E. M., (2008). Quem é o empreendedor? As implicações de três revoluções tecnológicas na construção do termo empreendedor. *Revista de Administração Mackenzie (Online)*, 9(8), 135-150. Recuperado em 12 abril, 2020 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712008000800008&lng=en&nrm=iso,doi:10.1590/S1678-69712008000800008.

Recebido: 25/06/2020

Aceito: 01/08/2020

Publicado: 17/12/2021

NOTA:

Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.